

A representatividade racial como propulsora do afetamento e despertar crítico do aluno¹

Gabrielle Cotrim D'Alécio

*Mestre em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro
gabrielle-cotrim@hotmail.com*

A questão racial no Brasil, em que pese as idas e vindas e silenciamentos diretos e indiretos se tornou nas últimas décadas, um tema recorrente em pesquisas e políticas públicas que colaboram, em maior ou menor grau, para o combate ao racismo. Na escola, essa luta possui diversas frentes, entre elas os currículos e estratégias pedagógicas utilizadas nas aulas de diferentes disciplinas. Como forma de contribuir para a produção de conhecimento e formulação de ações político-pedagógicas sobre o tema, o presente estudo buscou trabalhar o tema racismo, a partir de uma concepção intercultural crítica do currículo. Para isso, foi desenvolvido um projeto ao longo do primeiro semestre do ano de 2017, com turmas do primeiro ano do período noturno, do CIEP 323 Maria Werneck de Castro, localizado no bairro de Irajá. Este projeto contou com aulas expositivas, exibição de vídeos sobre o tema e promoveu discussões sobre racismo, tipos de racismo, a história do período pós-abolição no Brasil e nos Estados Unidos, cota racial, gênero e raça, com o objetivo de levar os jovens a refletir sobre sua realidade social, em especial sobre a sua identidade racial, afim de afetar e motivar os estudantes a um despertar crítico a respeito de seu lugar social e suas projeções futuras. Partiu-se do pressuposto de que a conscientização dos/das estudantes acerca de sua identidade racial era o ponto chave para motivá-los ao aprendizado e potencializá-los a planejar seu lugar social para além das identidades estéreis que se tinha sobre o negro, principalmente o negro da periferia.

¹ Este trabalho é resultado de um produto final (2017) elaborado para o programa de residência docente do Colégio Pedro II, sob orientação do Professor Doutor Rogério Mendes Lima. Teve como objetivo trabalhar ao longo de um semestre, dentro da disciplina sociologia, a questão racial com meus alunos da rede estadual do Rio de Janeiro. A escola fica localizada na comunidade Para-pedro, no bairro de Irajá, zona norte do Rio de Janeiro.

1. INTRODUÇÃO

1.1) Situando o leitor

Minha trajetória como professora de sociologia concursada do Estado do Rio de Janeiro tem início em 2014. Desde essa época minha escola de origem se mantém no CIEP 323 Maria Werneck de Castro, que será analisado neste trabalho. Ao longo desses três anos, já trabalhei com turmas de EJA e ensino médio regular. Porém, esse ano, a realidade foi outra. Devido a adesão à greve do ano de 2016, os professores grevistas foram “penalizados”² com as turmas de primeiro ano do ensino médio – já que os estudantes são considerados mais agitados e menos disciplinados - o que para mim, em especial, foi um grande ganho. Uma das poucas conquistas da greve do ano anterior foi o aumento de carga de um tempo semanal do primeiro e segundo ano do ensino médio para dois tempos semanais. Tal medida possibilitou a redução do número de turmas que sempre tive no Estado e por consequência a redução do número de diários e avaliações para corrigir e elaborar. Combinada com minha participação no Programa de Residência Docente do Colégio Pedro II (PRD), me possibilitou as condições para ampliar minha própria experiência reflexiva como professora da escola básica.

A entrada no PRD possibilitou a realização de desenvolver um trabalho que advém de um incômodo que sempre tive nessa realidade escolar que leciono. Essa escola fica localizada na comunidade Para-Pedro no Bairro de Irajá, trabalho no turno da noite na qual a realidade de grande parte do alunado é de trabalhadores. A maioria desses alunos negros, nordestinos não possuem uma identidade étnica-racial³.

Como disse, esse ano, minhas turmas de sociologia são todas do primeiro ano do ensino médio, mas como trabalho há alguns anos nessa mesma escola pude perceber ao longo do tempo, um olhar construído por toda a comunidade escolar sobre esses alunos, como estudantes que não tem interesse pela escola, que estão ali apenas para receber o diploma do ensino médio sem projeções futuras para ensino superior ou no máximo com objetivo para entrada no serviço militar. Numa perspectiva weberiana, há um *tipo ideal*⁴ sobre e entre esses estudantes como apenas pessoas que vão à escola sem grandes interesses na mesma. Essa é uma visão que pode ser encontrada inclusive entre os próprios estudantes, naquilo que Lima (2016) denomina de incorporação subjetiva da dominação racial que gera nas populações negras um sentimento de inferioridade cultural.

Desse modo, identifiquei que grande parte da desmotivação e projeção de futuro provinha da falta de representatividade étnica-racial desse alunado. Isso não significa que outros fatores não estejam inseridos também como impasses para tais objetivos, tais como: dificuldades financeiras, afastamento dos polos urbano-cultural, a defasagem escolar, a carência de ensino escolar de seus familiares, ou seja, toda a realidade de desigualdade social, racial e econômica que esse grupo está inserido. Porém, a dificuldade principal ao meu ver se aloca na falta de identidade étnica-racial que esses jovens possuem, que acaba

² Termo utilizado pela própria direção no início do ano ao distribuir as turmas.

³ Compreender que a definição do termo *identidade étnica-racial negra* vai ao encontro da perspectiva de Munanga (2004) na qual concebe a expressão com a devida consciência política. Que em suma entende a população negra como produtora de cultura e identidades negras na proposta transformadora da realidade do negro no Brasil.

⁴ Esse conceito utilizado por Weber (1999) serve de instrumento para analisar o objeto sociológico. o Tipo Ideal é uma construção mental do pesquisador, o qual enfatizará aspectos que deseja estudar daquele dado objeto (ou fenômeno) de estudo. Por ser fruto de seleção de aspectos individualizados e enfatizados os tipos serão “ideais”, ou seja, não reproduzem a realidade tal como ela é em si mesma.

impossibilitado os mesmos de projetarem exemplos de pessoas, representações e desejos a respeito do lugar social que eles querem estar.

Quijano (2005) afirma que as estruturas sociais que fundamentam as bases da sociedade em que vivemos tem como ponto de partida a constituição de hierarquias raciais que impactam diretamente nas demais esferas da vida social. Isso significa que os problemas econômicos, sociais e culturais das juventudes periféricas não podem ser separados das questões raciais que envolvem o cotidiano desses jovens.

Sendo assim, a oportunidade de trabalhar com toda as turmas noturnas do primeiro ano do ensino médio (seis turmas, com média de 20 alunos matriculados por turma, sendo presença de metade por sala) possibilitou a ideia de iniciar a sociologia no ensino médio⁵ a partir do tema “questão racial”, e para tal percebi que seria necessário um semestre para o desenvolvimento do tema. Essa escolha foi feita justamente da percepção que o desinteresse e a evasão escolar que ocorre vem, principalmente, dessa falta de representatividade, e que se ao menos começasse a trabalhar um tema que eles vivem e não identificam de maneira objetiva⁶ no seu cotidiano poderia despertar a imaginação sociológica (MILLS, 1972) e possivelmente potencializando um empoderamento do alunado.

Ao longo do processo, alguns empecilhos para trabalhar essa questão foram aparecendo de maneira objetiva e subjetiva. Do ponto de vista objetivo, o fluxo do intermitente dos estudantes, suas mudanças de turno e de escola, dificultaram um acompanhamento geral do desenvolvimento discente e das turmas. Além do pouco tempo disponibilizado para a disciplina, somando dois tempos semanais, que no turno da noite se resume em uma hora efetivamente de aula semanal.

Do ponto de vista subjetivo, os alunos não reconhecem inicialmente em mim alguém que tenha autoridade para falar sobre questão racial, pois não me identificam como negra ou alguma minoria. Apesar de uma identidade indígena pessoal forte e de ter saído de uma região periférica, esteticamente e no plano do discurso, para eles eu não represento alguém que possa vir falar sobre questão racial e negritude. Isso reflete de alguma forma o debate que vem sendo travado nos movimentos sociais sobre o “lugar de fala”, que ainda é uma temática controversa.

Sendo assim, elaborei algumas estratégias para provocar um inicial interesse no alunado. A figura jovem que aparento foi facilitadora para aproximação dos estudantes. Desse modo, iniciei o ano trazendo minha biografia pessoal, dizendo minha idade, onde morei a vida toda, onde estudei, o trabalho da minha mãe (costureira), discorri sobre as lutas da vida cotidiana. Minhas realizações atuais, onde fiz faculdade/mestrado (expliquei o ingresso nas universidades públicas que muitos deles não têm noção da possibilidade), minhas atuais conquistas. Enfim, busquei de algum modo dizer para eles como o estudo e a consciência do meu lugar social me ajudou e me ajuda a ser feliz e conquistar determinados espaços.

⁵ Existe uma indicação do currículo mínimo de iniciar sociologia no primeiro ano do ensino médio a partir dos conteúdos da história do surgimento da sociologia, a ciência social e os objetivos da sociologia; porém essa abordagem europeia e etnocêntrica nunca contemplou essa realidade escolar. Sendo assim, devido a autonomia e a pouca fiscalização da direção sobre o meu trabalho docente, escolhi iniciar a disciplina pela questão racial.

⁶ Quando apresento que os alunos, em geral, não identificam de maneira objetiva o racismo, é porque nas primeiras aulas as introduzo com a questão “quem nessa sala se identifica como negro?” e obtenho como resposta no máximo dois alunos. Visto que a turma é composta por uma quantidade grande de negros percebe-se os processos do racismo velado e a não identificação racial. Por outro lado, todos ao se expressarem identificam que o Brasil é um país racista e dão exemplos de comuns que tenha sofrido tal situação. Mais à frente entrarei nesse aspecto com maior profundidade.

Sabemos que os discentes são atraídos por aulas mais biográficas, busquei uma aproximação deles, com uma linguagem fácil, acessível. Com a percepção de que havia uma descontração da nossa relação, pedi para que eles falassem um pouco deles, onde moravam, seus sonhos e projetos.

Sendo assim, posterior a esse primeiro contato, comecei a explicar como seria nosso ano letivo. O modo como trabalho (avaliações que são consideradas por presença e participação, trabalho e prova), mostrando a eles que sou jovem, possuo um discurso descontraído, porém isso não é contrário às exigências que teríamos em sala de aula.

Depois dessas duas semanas de abertura e apresentação tanto minha quanto deles, comecei a explicar o que significa sociologia, o que seria essa disciplina e o que iríamos ver no primeiro semestre do ano letivo. Ao longo desses anos de docência percebi que se temos uma organização prévia das avaliações, plano de aula e deixamos isso claro para os alunos conseguimos mantê-los em sala, diminuindo as faltas que já se tornaram comum e um hábito⁷ na realidade escolar. Sendo assim, elaborei um grupo do primeiro ano noite do Maria Werneck, na rede virtual, e sempre fui adicionando na mesma, informações com as datas das avaliações, material para estudo, possibilidades de empregos, músicas e qualquer coisa que pudesse ter um sentido pedagógico.

Constatei que pude manter ao longo do semestre uma presença alta de alunos em que a própria direção e inspetores salientavam que os alunos diziam pelos corredores que nos dias de sociologia eles vinham porque achavam a aula legal. Foi o primeiro ano que consegui ter em sala uma média de alunos alta por todo o semestre.

1.2) Por que trabalhar questão racial?

Com a lei 10.639/03, alterada pela Lei 11.645/08, o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas, públicas e particulares, do ensino fundamental até o ensino médio se tornou obrigatório. Essa lei propõe novas diretrizes curriculares para o estudo da história e cultura afro-brasileira e africana, e por sua vez, o ensino de sociologia tem por obrigação tornar esse direito garantido aos educandos.

Deste modo, os professores devem ressaltar em sala de aula a cultura afro-brasileira como constituinte e formadora da sociedade brasileira, na qual os negros são considerados como sujeitos históricos, valorizando-se, portanto, o pensamento e as ideias de importantes intelectuais negros brasileiros, a cultura (música, culinária, dança) e as religiões de matrizes africanas. Como veremos adiante, justifica-se assim a adoção da perspectiva intercultural crítica como metodologia e referência teórica.

Como afirmado anteriormente, o alunado dessa escola não possui muito conhecimento a respeito da questão racial. E mesmo sendo majoritariamente negros, não se identificam como tal, mas por outro lado, identificam mazelas da violência (física ou simbólica) social e racial que sofrem. O processo de embranquecimento (em aspectos físico e cultural) e de racismo institucional construídos aos longos dos séculos no Brasil são efetivamente compreendidos ao observar a realidade desses jovens.

Cabe ressaltar que a identificação inicial desses estudantes como negros e negras é arbitrária e foi feita a partir do fenótipo. De acordo com Nogueira (2007) afirma que no Brasil,

⁷ O turno da noite já consegue entender o jogo que está inserido, na qual a escola para não fechar precisa da presença dos alunos, com o passar do tempo o habitus os fizeram compreender que não serão reprovados e que é raro a direção permitir isso já que a própria gestão burla as regras e normas burocráticas (engessadas e descabidas) da SEEDUC para manter a escola aberta e funcionando.

a principal característica do preconceito racial é o de marca, que leva em consideração a cor da pele e as características físicas dos indivíduos. Para início do trabalho, essa foi a opção escolhida.

Desse modo, é inegável constatar na realidade desses jovens negros da periferia que tem seus direitos de ir e vir retirados, são as maiores vítimas de homicídios no Brasil, os que mais sofrem com a ação da polícia e que mais compõem as taxas de índice de pobreza no país e os que no campo educacional, proporcionalmente, são os que possuem índices ínfimos de ingressos nas universidades. Além disso, sabemos das perseguições as manifestações culturais de origem negra (religiosas, artísticas, políticas) desde o século passado até os dias atuais que são objetos de discriminação de diversas matizes. Outra dificuldade é o plano de invisibilidade dos negros na mídia ou a estereotipação e engessamento de sua realidade e representações.

Sendo assim, não só por motivos legais a respeito de trabalhar questão racial na sala de aula, como também apontamentos reais na vida social brasileira, entende-se que esse alunado só despertará o interesse na escola para além dos motivos utilitários, superando o status quo se for possível uma identificação e compreensão do que é ensinado ao que é vivido pelos mesmos. A possibilidade de projetar e sonhar com um futuro só virá a partir de representações construídas por eles mesmos como agentes de sua vida individual e coletiva.

Para isso alguns pressupostos teórico-metodológicos⁸ devem ser apontadas como basilares a esse projeto, tais como: o uso do termo *negro* irá ao encontro do que é defendido por Munanga (2004) que os considera como mais adequado ao que foi realizado; há uma aposta do uso do termo *afetamento* como metodologia de aproximação do alunado e análise social, tal categoria defendida e retraduzida dos textos de Favret-saada (2005); e uma defesa de um olhar da educação como intercultural crítica de modo que possa ser uma ferramenta para se contrapor ao racismo e uma construção decolonial do currículo, que vai ao encontro das ideias de Walsh (2009).

Munanga (2004) traz uma reflexão importante a respeito do uso de *raça* e *etnia* em seu texto “Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia” e nessa obra o autor evidencia que os termos tanto raça quanto etnia são hoje ideologicamente manipulados. Sendo assim, se apoia no uso do termo “População Negra” e “População Branca” [...] *que entende por população um conjunto de indivíduos que participam de um mesmo círculo de união e de casamento e que, ipso facto, conservam em comum alguns traços do patrimônio genético hereditário* (Munanga; p. 13;2005). A escolha teórica do termo se respalda numa perspectiva que vai à favor dessa concepção e que será melhor desenvolvida no tópico quatro.

Sobre a escolha metodológica em trabalhar com a categoria “afetamento” que foi retraduzida dos textos de Favret-saada (2005) concerne em poder tentar entender a realidade do alunado e provocar determinados interesses a partir de um olhar do afeto não representado. Ou seja, buscar compreender o inconsciente manifesto a partir das falas, conversas espontâneas, debates em sala, trabalhos redigidos dos alunos sem perder a objetividade do trabalho aqui desenvolvido e ao mesmo tempo propondo uma relação professor-aluno que seja dialógica. Apesar de Favret-saada tratar da relação antropólogo em campo, muitos aspectos de sua proposta encaixaram-se ao meu trabalho de professora-pesquisadora nessa realidade social. Aspectos esses que serão também melhor desenvolvidos no tópico quatro.

⁸ Pressupostos esses que serão melhor desenvolvidos no tópico de abordagem teórico-metodológica.

E por fim, a defesa de uma educação intercultural crítica provém da influência epistemológica de Walsh (2009) que defende a interculturalidade como uma perspectiva que vai contrária uma direção funcional ao sistema dominante, ou seja, que busque um caminho decolonial, contra hegemônico no sentido não só educacional, como político social, epistêmico e sobretudo ético. Para a autora a interculturalidade só terá valor em si:

Quando assumida de maneira crítica, como ação, projeto e processo que procura intervir na reestruturação e reordenamento dos fundamentos sociais que racializam, inferiorizam e desumanizam, ou seja, na própria matriz da colonialidade do poder, tão presente no mundo atual. (WALSH; p. 9; 2009)

2. OBJETIVOS

O objetivo geral desse trabalho foi provocar o afetamento nos estudantes afim de que possam desenvolver um despertar crítico das suas identidades étnicas-raciais e do seu lugar no mundo social, contribuindo assim, para que sua presença na escola não ocorra apenas por uma obrigação burocrática e utilitária visando o diploma.

Sendo assim, os objetivos específicos foram:

- ✓ Provocar nos estudantes um despertar de sua identidade étnica-racial.
- ✓ Possibilitar a compreensão das categorias sociológicas: *racismo*, *preconceito*, *etnia*, *raça*.
- ✓ Incitar a imaginação sociológica na qual eles possam associar a história da questão racial no Brasil à realidade atual das favelas e as violências vividas e presenciadas.
- ✓ Buscar desenvolver um currículo escolar que se torne prático e efetivo na vida do educando e do educador.
- ✓ Potencializar uma escola que seja capaz de incorporar em seu cotidiano, os saberes produzidos pelas classes dominadas.

Espera-se com esse trabalho, que esses jovens se percebam como agentes de transformação de sua realidade social, compreendendo as diversidades vividas e uma possível superação delas no sentido coletivo e transgressor ao status quo.

3. JUSTIFICATIVA

A escolha desse tema para o trabalho é pertinente no que tange não só a lei 10.639/2003 que incorpora ao currículo a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas, públicas e particulares, do ensino fundamental até o ensino médio, mas também como desenvolver um currículo que promova um real fortalecimento dos valores da cultura negra desprovido-o de uma perspectiva racista ou legitimadora de uma hegemonia branca e eurocêntrica.

Dessa maneira, a proposta foi trabalhar todo o semestre a respeito do racismo e seus entornos para justamente considerar uma prática curricular permanente e não perene, como se manifesta em abordagens exóticas do currículo tal como “o dia da consciência negra”, ou três aulas sobre o tema em voga. Possibilitando que em qualquer outro conteúdo sociológico o olhar contra hegemônico seja desenvolvido não só pelo docente, mas também pelo discente.

Como ressalta Lima (2016):

Uma análise do sistema educacional brasileiro resulta numa conclusão chocante, mas previsível. A escola brasileira é branca, eurocentrada e responsável direta pela reprodução das desigualdades raciais. A partir da década de 2000, a promulgação

de Lei 10.639/2003 e a implementação de um conjunto de políticas públicas e ações afirmativas de caráter amplo (e nem sempre racial) que visam combater as desigualdades sociais no Brasil, são utilizadas por representantes dos movimentos negros e pesquisadores para refletir, propor e implementar alternativas ao racismo institucionalizado na sociedade e na escola brasileira. Nesse contexto ganha destaque a defesa da educação intercultural como uma proposta inovadora de representação da história e da cultura negra.

Ratificando o que o autor argumenta, se a partir dos anos 2000 as discussões a respeito das desigualdades raciais no Brasil ganham força, e a escola representa também esse lugar de diálogo, é central que esse debate seja realizado nos espaços escolares como parte do currículo, de modo que se envolva o conjunto dos estudantes nesse processo de formação de uma outra consciência sobre a vida social. Enfim, a proposta desse trabalho se estrutura no pressuposto da compreensão de um currículo intercultural crítico que será explicado e desenvolvido no próximo tópico.

4. ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA

4.1) Interculturalidade Crítica

O conceito de interculturalidade e multiculturalismo possui diversos sentidos e tem sido de suma importância para a elaboração e implementação das políticas públicas curriculares e na formação de professores do Brasil e do Mundo. A polissemia do conceito nos abre a chancela de diversas concepções do multiculturalismo, o conservador, o multiculturalismo liberal e liberal de esquerda, o multiculturalismo crítico, educação antirracista, educação antiopressão e etc. O objetivo desse trabalho não é tratar sobre as possíveis definições para o multiculturalismo e interculturalismo, mas tem como obrigação deixar evidente que essas concepções existem e não são monolíticas e consensuais⁹.

Sendo assim, esse projeto se respaldou na concepção de Interculturalismo Crítico defendido por Walsh (2009) que pretende enfrentar a matriz colonial do poder, *que articulou historicamente a ideia de “raça” como instrumento de classificação e controle social com o desenvolvimento do capitalismo mundial (moderno, colonial, eurocêntrico), que se iniciou como parte da constituição histórica da América.*

Para Walsh, a colonialidade atravessa quatro eixos a respeito da vida social: (1) colonialidade do poder (2) colonialidade do saber (3) colonialidade do ser (4) colonialidade da natureza. O primeiro advém da construção da categoria “raça” como forma de dominação e poder dentro do modo de produção capitalista; O segundo considera a Europa como única detentora do saber epistemológico e científico, ou seja, o único saber considerado e reconhecido, em que outras formas de conhecer são avaliadas como conhecimento menos desenvolvido. Trazendo a lógica positivista a respeito da emergência da razão e da ciência; o terceiro eixo se organiza na organização ontológica e ideológica de construir o ser colonizado como subalterno e desprovidos de racionalidade por suas características fisiológicas e culturais; e por fim o quarto eixo concentra-se na dissociação da natureza/cultura, apostando numa associação povos natureza/instinto e povos sociedade/razão.

Esses eixos entrelaçados estão cristalizados nos diversos veículos de construção do ser, seja pela mídia, nos livros vendidos, nos currículos, no plano estético, nos planos de

⁹ Ver em “Educação Intercultural: decolonizar o poder e o saber, o ser e o viver” de Reinaldo Matias. Fleuri.

atuação da segurança pública que correm o mundo, ou seja, um modo hegemônico que reverbera e coloniza as diversas culturas e sociedades.

O intuito ao longo desse semestre foi buscar desenvolver uma nova organização da sala de aula (dentro dos limites da própria socialização que tanto eu quanto os alunos tivemos), conscientes dessa dinâmica hegemônica, o objetivo foi se distanciar ao máximo das imposições curriculares e determinantes do *modus operandi* escolar.

As formas trabalhadas em sala de aula, seja a organização ora em círculo, ora alinhados, ora na sala de informática, ora na sala de leitura proporcionou uma dinâmica distinta do habitual do alunado. Não só o que diz respeito ao formato, mas também em relação as aulas vídeos, os cliques de rap (que é um gênero musical muito querido pelos alunos), as aulas mais biográficas, expositivas, produção em cartaz, as rodas de conversa já provocaram dentro dos limites do espaço/tempo uma nova configuração e uma construção distinta do saber.

Muitas vezes vinha a questão se o que estava ocorrendo era aula mesmo, ou apenas encontros, uma preocupação do sociólogo e da formação eurocêntrica sempre vinha à tona quando não me deparava conceituando o tempo todo, ou organizando o quadro de maneira cartesiana, ou até mesmo quando as aulas corriam no plano dos relatos pessoais dos alunos. Esse questionamento surgia não só por minha parte, como também por parte dos estudantes e da direção.

De alguma maneira estava fluindo, e os alunos tinham mais espaço, fui percebendo que os discursos mudaram. O respeito que eles tinham na minha aula, a pontualidade, e a vontade deles, que muitas vezes no refeitório ao jantar me cobravam que já estava na hora de ir para sala. No próximo capítulo, mostrarei alguns resultados legítimos a respeito dessas mudanças.

De todo modo, a perspectiva intercultural crítica me ancorou na discussão teórica, epistemológica e nas estratégias que fui traçando junto a eles ao longo do semestre.

4.2) Os conceitos de raça, etnia e racismo que conduziram a teoria e a prática pedagógica.

Sabemos que todos os seres humanos habitam sobre a mesma espécie, a humana. O que configura tal definição mesmo com diferenças fisiológicas, morfológicas, comportamental e cultural é que somos um conjunto de seres fecundos com capacidade de criar e gerar outros machos e fêmeas.

Porém as diferenças e o contato entre os humanos fizeram algumas operações classificatórias sobre a condição humana se alterarem ao longo do tempo histórico e ideológico, e nesse sentido o termo “raça” surge com diferentes possibilidades dependendo do espaço/tempo e dos interesses intrínsecos a esse termo.

Dessa maneira, Munanga (2004) fará um resgate histórico-conceitual a respeito de nomenclaturas e conflitos causados a partir dos termos raça e etnia, trazendo à baila uma perspectiva que vai ao encontro teórico-epistemológico desse trabalho. Para essa análise vale resgatar o século XVIII que traçou desde essa época a cor da pele como marcador de raça, diferenciando-as em branca, amarela e negra. No século XIX acrescentou-se ao critério cor, critérios morfológicos, formatos de nariz, boca, crânio.

Essas tentativas de uma chamada pseudociência não chegaram a nenhuma definição biológica sobre o conceito de raça, e concluíram que raça não é uma realidade biológica (genética humana, molecular, bioquímica), e que sim é um conceito inoperante que esbarra em diversos erros de análise biogenético. Porém, os esforços em definir a cor da pele como

raça provocaram no imaginário humano uma classificação da humanidade em raças hierarquizadas.

Segundo Munanga (p. 5; 2004):

A classificação da humanidade em raças hierarquizadas desembocou numa teoria pseudo-científica, a raciologia, que ganhou muito espaço no início do século XX. Na realidade, apesar da máscara científica, a raciologia tinha um conteúdo mais doutrinário do que científico, pois seu discurso serviu mais para justificar e legitimar os sistemas de dominação racial do que como explicação da variabilidade humana. Gradativamente, os conteúdos dessa doutrina chamada ciência, começaram a sair dos círculos intelectuais e acadêmicos para se difundir no tecido social das populações ocidentais dominantes. Depois foram recuperados pelos nacionalismos nascentes como o nazismo para legitimar as exterminações que causaram à humanidade durante a Segunda guerra mundial.

Sendo assim, o uso do termo raça ocorre devido uma construção sociológica operando no contexto histórico, ideológico e político que cabe ao termo. Apesar de no campo científico e biológico o termo raça não existir, em termos ideológicos ela ainda existe, perpetuando o racismo e formas de poder, dominação e exclusão a partir desse critério.

Nesse sentido cabe lembrar que o sistema de dominação definido como racismo provém dessa concepção ideológica que foi difundida e que buscava associar o biológico ao moral/intelectual. Numa perspectiva essencialista visa hierarquizar raças a partir da relação físico e moral, físico e intelectual, físico e cultural.

Munanga resgata que essas teorias racistas que buscam fazer essa relação biológico/cultural tem origens que passaram desde o campo religioso¹⁰ até alcançar o campo “científico”. O mito bíblico de Noé introduz essa concepção de hierarquização racial e posteriormente o modernismo ocidental¹¹ reconta essa hierarquização no que se chama ciência à época. Para o autor essa mudança da perspectiva religiosa para “científica” representou o que ele define como um “salto ideológico”, pois *passou-se de um tipo de explicação na qual o Deus e o livre arbítrio constitui o eixo central da divisão da história humana, para um novo tipo, no qual a Biologia (sob sua forma simbólica) se erige em determinismo racial e se torna a chave da história humana*.

Desde então os esforços se davam em associar características físicas a comportamentos morais, intelectuais e culturais. Essa concepção de racismo biológico começa a alterar a partir dos anos 1970 graças aos progressos das ciências biológicas. Porém isso não torna o racismo menos real e efetivo.

Munanga definirá dois tipos de compreensão do racismo, o racismo clássico que representa o que foi exposto acima e o racismo *novo* se alimentará da noção da etnia¹² como

¹⁰ Segundo a perspectiva mítica bíblica, contida no nono capítulo da Gênese, Noé possuía três filhos: Jafé (ancestral da raça branca), Sem (ancestral da raça amarela) e Cam (ancestral da raça negra). O patriarca Noé, depois de conduzir por muito tempo sua arca nas águas do dilúvio, encontrou finalmente um oásis. Estendeu sua tenda para descansar, com seus três filhos. Depois de tomar algumas taças de vinho, ele se deitara numa posição indecente. Cam, ao encontrar seu pai naquela postura fez, junto aos seus irmãos Jafé e Sem comentários desrespeitosos sobre o pai. Foi assim que Noé, ao ser informado pelos dois filhos descontentes da risada não linzongeira de Cam, amaldiçoou este último, dizendo: seus filhos serão os últimos a ser escravizados pelos filhos de seus irmãos. Os calvinistas se baseiam sobre esse mito para justificar e legitimar o racismo anti-negro.

¹¹ Em que a pseudociência do século XVIII e XIX esforçava-se para relacionar caracteres físicos com a definição de raças, tais a branca como superior e a negra a mais inferior.

¹² Enquanto o conteúdo raça é morfo-biológico, etnia é sócio-cultural, histórico e psicológico.

um grupo cultural que sofrerá as mesmas perseguições do “antigo” racismo. Mudar o termo não significa acabar com o racismo, generalizá-lo de maneira analógica ao falar das perseguições a mulheres, árabes, homoafetivos também pode ser considerado nessa perspectiva uma artimanha ideológica para pulverizar os reais efeitos do racismo. Então, vale compreender que racismo é um sistema de dominação institucionalizado e explícito que a cada país e contexto histórico possui suas ferramentas de mascaramento.

No Brasil, partimos da ideia do mito da democracia racial, do sincretismo religioso e da mestiçagem, do problema social e não racial para disfarçar os efeitos da política racialista que sempre imperou no país.

Portanto associar essa perspectiva dos conceitos expostos acima à educação intercultural crítica nos faz reconhecer os caminhos teóricos-metodológicos que sustentaram esse trabalho. Romper com a hegemonia branca nas práticas pedagógicas e provocar um despertar uma possível alteração do status quo nessa realidade foram norteadoras às estratégias travadas.

4.3) O afetamento como ferramenta metodológica

A concepção de afeto utilizada na obra antropológica de Favret-saada (2005) foi retraduzida para o meu trabalho em sala de aula. Apesar de se tratar de sujeitos, objetos e campo científico distintos, a ferramenta metodológica que ela construiu para sua análise de campo serviu e serve (em diversos universos escolares que trabalho) como uma das melhores chaves de compreensão dos sentidos e significados dos agentes da/na comunidade escolar.

A autora vai defender uma postura de análise que buscará compreender o afeto não representado, ou seja, tentar conceber àquelas manifestações que estão no campo do inconsciente das ações dos agentes. A proposta foge de uma análise da observação participante - pois estou como professora e mediadora direta dos alunos com os conteúdos a serem trabalhados - e por outro lado não fazer também uma observação por empatia - já que a empatia pressupõe eu me colocar no lugar dos alunos - que de fato conduziria uma perspectiva eu x outro que foge a educação intercultural crítica.

Desse modo, provocar o afetamento e compreender os afetos não representados significou para minha construção metodológica em questionar “ *o que os alunos esperavam/queriam de mim?* ” e “ *o que eu quero/espero deles?* ” e nessa síntese traçar uma chave metodológica com a finalidade de provocar o afetamento - que não significa sentir amor ao conteúdo/aulas ou identificação direta - mas que aquelas práticas pedagógicas pudessem afetá-los de alguma maneira, seja por incômodo, seja por afinidade, seja por provocação.

Por fim, meu posicionamento se configurava num lugar que buscava me aproximar deles para conseguir compreender suas questões, formas de observar o mundo e realidades, mas que por outro lado tinha objetivos e intenções. Operar na relação ensino-aprendizagem é buscar o limite entre o profissional docente e o humano agente.

Segundo Favret-saada (p. 160; 2005):

As operações de conhecimento acham-se estendidas no tempo e separadas umas das outras: no momento em que somos mais afetados, não podemos narrar a experiência; no momento em que a narramos não podemos compreendê-la. O tempo da análise virá mais tarde.

Em suma, o processo de ensino e aprendizagem e seus efetivos resultados só puderam ser compreendidos com a possibilidade da elaboração desse produto final, pois em/na relação professor-aluno as operações de conhecimento estão ocorrendo elas só são dotadas de compreensão quando é proposta uma reflexão e organização do ocorrido.

4.4) Procedimentos e estratégias na sala de aula.

O produto foi organizado por todo o semestre, então ele teve uma confecção contínua e interessada de seus propósitos. A combinação de métodos e procedimentos variaram a cada semana. A organização espacial foi em rodas e as vezes em fileiras (alguns alunos preferiam sentar nas laterais da sala que possuem um tipo de mureta), eu os deixava à vontade. As aulas foram as vezes expositivas, outras trabalhando vídeos, filmes, debates, respondendo questionários ou confecção de cartazes.

O cronograma do semestre segue abaixo:

TURMAS/DATAS (1001, 1002 e 1003) – Terças (1004, 1005 e 1006) – Quartas	CONTEÚDOS
7 e 8 de fevereiro	APRESENTAÇÃO BIOGRÁFICA
14 e 15 de fevereiro	APRESENTAÇÃO DOS ALUNOS
21 e 22 de fevereiro	-O que é sociologia? - Apresentação da ementa da disciplina, avaliações e prazos.
CARNAVAL	
7 e 8 de março	-Introdução a história racial no Brasil. - Proposto um trabalho
14 e 15 de março	-Ciência racialista do século XIX/XX
21 e 22 de março	- Vídeo clipe do Rap Emicida com a música “Boa esperança.” - Roda de conversa sobre o tema. - Entrega do trabalho.
28 e 29 de março	- Fim da escravidão e medidas do Estado Brasileiro para branquear a população.
4 e 5 de abril	- Fim da escravidão e medidas do Estado Brasileiro para branquear a população.
11 e 12 de abril	- Prova
18 e 19 de abril	- Aplicação de segunda chamada e recuperação
25 e 26 de abril	COC
2 e 3 de maio	- Freyre e Fernandes - Racismo declarado, institucional e velado.
9 e 10 de maio	- Vídeo clipe do Negro Drama, música dos Mc's racionais - Roda de conversa sobre o tema.
16 e 17 de maio	- EUA×BRASIL : questão racial e suas diferenças
23 e 24 de maio	- EUA×BRASIL : questão racial e suas diferenças
30 e 31 de maio	- Filme curta-metragem: Vista minha pele. -Debate - Proposto um trabalho

6 e 7 de junho	- Cota Racial
13 e 14 de junho	- Cota Racial
20 e 21 de junho	- Prova - Entrega do trabalho
27 e 28 de junho	- Segunda chamada e recuperação
4 e 5 de julho	- NÃO COMPARECI
11 e 12 de julho	COC
RECESSO ESCOLAR	

A organização acima já demonstra o formato no plano do currículo teórico que ocorria na sala de aula. No próximo capítulo, a descrição do período letivo possibilitará a compreensão do funcionamento de maneira mais efetiva.

Em síntese, a organização teórico-metodológica desse trabalho buscou efetivamente fazer do trabalho docente um trabalho de professor-pesquisador e provocar uma prática pedagógica e um ensino aprendizagem que vá ao encontro de um movimento contra hegemônico

5. TEORIA SOCIOLOGICA RACIAL E A PRÁTICA PEDAGÓGICA: QUANDO CHEGA A HORA DE COLOCAR EM PRÁTICA.

Nas Ciências Sociais, em especial na Antropologia, o método etnográfico é uma ferramenta importante na descrição das experiências vividas ao longo de uma pesquisa. Colabora também na percepção por parte do leitor, do processo de construção do conhecimento sobre os fenômenos sociais em estudo.

No que se refere a este trabalho, a opção por uma descrição minuciosa do processo político-pedagógico vivido no primeiro semestre com minhas turmas, tem como objetivo demonstrar como a reconfiguração da identidade racial por parte de grupos marginalizados é paulatina e sujeita à dificuldades e pequenos progressos. No entanto, revela-se um caminho necessário à afirmação das identidades e da descoberta de seu lugar no mundo por parte dos envolvidos.

5.1) Descrição das atividades

O presente trabalho foi realizado com as seis turmas de 1ºano do ensino médio regular, do turno da noite, são elas: 1001, 1002, 1003, 1004, 1005 e 1006. Como foi trabalhado todo o conteúdo ao longo do semestre com eles sobre o tema questão racial, não podemos dizer que teve um dia efetivo para o projeto, mas sim um trabalho de análise qualitativa que tem por meio do processo algumas formas de avaliação.

No primeiro bimestre:

1. Presença e participação: 2,0 pontos

Exercícios trabalhados em sala, participação dos debates, presença em aula.

2. Trabalho: 4,0 pontos

O primeiro trabalho que eles fizeram foi sobre escolher algumas personalidades – intelectuais, artistas, políticos, negras e brancas, homens e mulheres afim de compreender o imaginário deles a respeito de personalidades e sua identidade racial;

3. Prova: 4,0 pontos

Questões tanto objetivas quanto discursivas.

No segundo bimestre:

1. Presença e participação: 2,0 pontos

Exercícios trabalhados em sala, participação dos debates, presença em aula.

2. Feira cultural: 2,0 pontos

A partir do segundo bimestre eles têm a feira cultural que a cada bimestre são tratadas as ciências da natureza, linguagens e seus códigos e no último bimestre ciências humanas. Dessa forma é comum na escola contar 2.0 pontos para todas as disciplinas, mesmo àquelas que no bimestre não estão envolvidas diretamente nos trabalhos dos alunos.

3. Trabalho: 3,0 pontos

Esse trabalho diz respeito a escrever um texto (qualquer gênero textual) sobre o filme curta metragem que foi trabalhado em sala “Vista minha pele”.

4. Prova: 3,0 pontos

(Questões tanto objetivas quanto discursivas)

Nos primeiros dias de aula, eu fiz uma pergunta: “Quem se considerava negro/negra naquela sala de aula? ”. Pude perceber que nem 1/5 da turma se identificava como negro. Uma outra questão que fiz: “Foi se eles achavam que no Brasil tinha racismo? ”. Todos riram e disseram com certeza que existia racismo no Brasil. Eu perguntei como eles sabiam disso e respondiam majoritariamente que a mãe, avó, o irmão e alguns casos eles próprios sofreram racismo. Aí retornei a primeira questão “ como vocês ou seus parentes sofreram racismo se vocês não são negros? ” E aí, eles emudeceram e um disse: “Somos, mas não queríamos ser.”; “ Não somos, mas as pessoas acham que somos, deve ser porque somos pobres, as pessoas confundem”; “ Somos escurinhos, mas não negros. ”

Eu não os refutava, ou trazia explicações a respeito do que eles mesmos falavam, apenas ia ouvindo e perguntando. Perguntei também se eles achavam que nos Estados Unidos tinha mais racismo que no Brasil, e todos disseram que lá é muito mais racista que

aqui no nosso país. Esse início me fez despertar para uma série de ideias de como trabalhar ao longo do semestre essa temática tão complexa, tão inquietante e tão delicada.

Figura1:

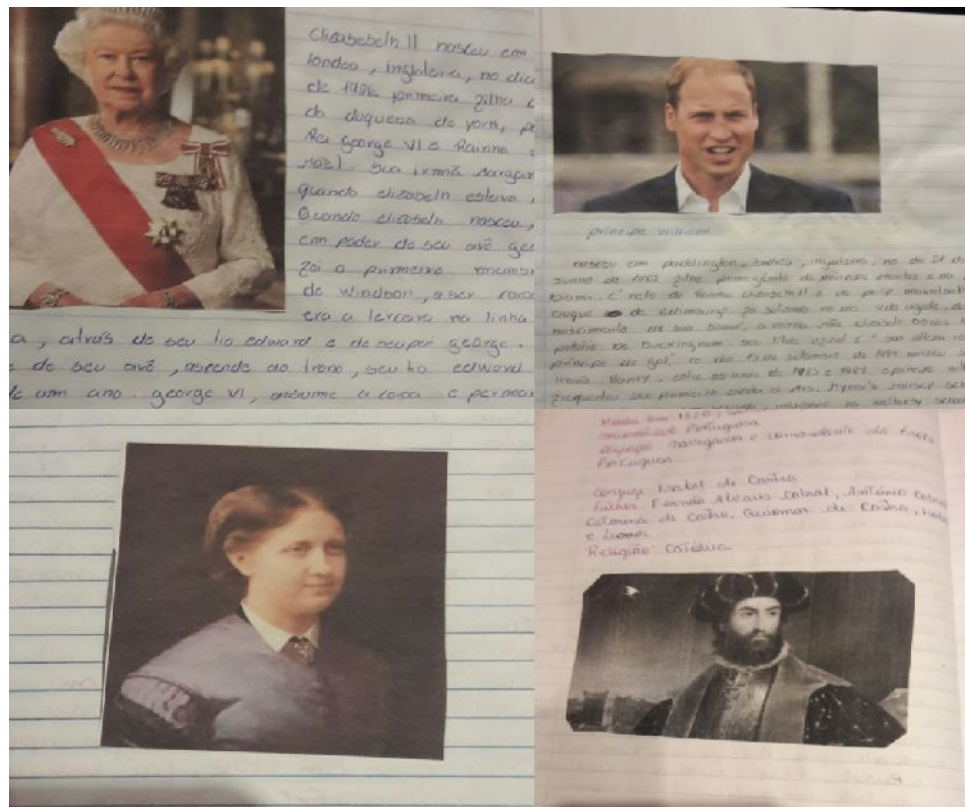


(Foto retirada dos alunos da turma de 1º ano)

Sendo assim, iniciei as aulas de sociologia explicando o significado da disciplina e entrando prontamente na história da questão racial no Brasil. Também propus um trabalho para o fim do mês de março para que eles trouxessem fotos e uma minibiografia de personalidades seja intelectual, atletas, artistas, e etc. De homens brancos, negros, mulheres brancas e negras com o objetivo de compreender o imaginário deles sobre tais figuras e a questão racial.

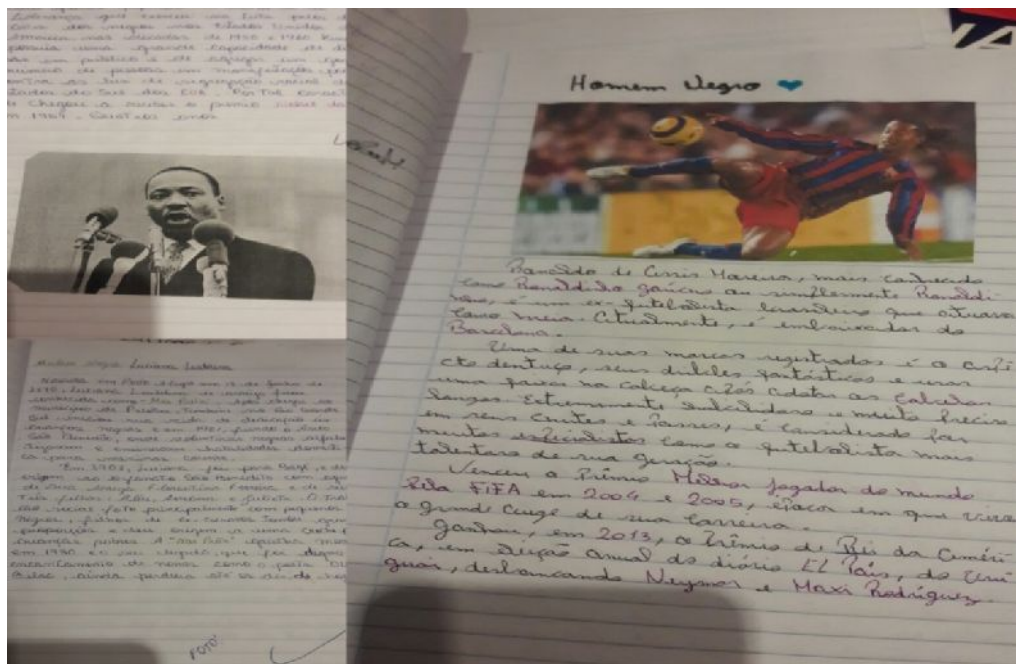
O que pude perceber que a maioria dos alunos escolheram personalidades do mundo artístico e do mundo dos esportes, porém as exceções a essa realidade concentravam-se nas imagens de homens brancos e mulheres brancas como personalidade política: Exemplo – Princesa Isabel, Pedro Alvares Cabral, Fernando Henrique Cardoso, Elisabeth II, Príncipe William, enquanto as imagens dos homens e mulheres negros eram majoritariamente artista e atleta, com exceção de um trabalho que trouxe Martin Luther King e Luciana Lealdina.

Figura 2:



(Imagens recorrentes de homens e mulheres brancas considerados importantes no olhar dos alunos)

Figura3:



(À esquerda imagem escolhida em um único trabalho de mais de quarenta realizados. E à direita imagem corriqueira a respeito de personalidade negra escolhida como importante)

Posterior a entrega dos trabalhos, fizemos uma análise coletiva dos mesmo em sala, e fui pedindo para eles falarem um pouco do que foi escolhido e o porquê, ao fim grande parte tinha compreendido como as escolhas deles estavam direcionadas a única possibilidade de ascensão do negro ser dentro do ramo artístico e esportista e discutimos se isso era uma verdade em si ou se era algo construído. Essa atividade foi bem interessante.

Finalizamos a aula com a exibição do videoclipe do Rap Emicida chamado “Boa esperança¹³” e na semana posterior discutimos o videoclipe. Percebi que as falas estavam mais elaboradas a respeito do que estávamos discutindo e a presença dos alunos em aula era bem frequente. Nas duas semanas seguintes continuamos com aulas mais tradicionais, expositiva, a respeito do fim da escravidão e o estado brasileiro e suas medidas de branqueamento.

Eles se interessaram bastante, os questioneei sobre o porquê da maioria da população da favela que vivem serem negras e o porquê da quantidade de favelas ao redor da avenida Brasil, lugar onde eles moram, isso provocou bastante interesse neles. Os questioneei de quantas pessoas eles conheciam que tinham ensino médio completo, e/ou ensino superior, gravamos um vídeo, eu e eles falando sobre isso, de alguns segundos. E a partir daí pude perceber que eles começaram a desconstruir a ideia de mérito, branquitude e privilégios.

Um dos alunos fez um relato sobre a avó ter falado que foi escrava, e partir dessa fala diversos outros falaram que sabiam que seus antepassados tinham sido escravos. A partir disso, entrei no assunto religiosidade e discutimos o preconceito racial às religiões de matriz africana. Quase todos evangélicos, perceberam e afirmaram que tinham preconceito com essas religiões, e aí associaram ao processo racista do estado brasileiro às religiões, como candomblé e umbanda, e o porquê eles mesmos possuíam imaginário negativo e racista, mesmo sabendo que seus avós foram escravos e/ou negros.

A partir dessa semana, os alunos começaram a se interessar mais, eles me perguntavam diversos assuntos nos corredores, na sala de aula, e nas redes sociais onde criamos um grupo do 1º ano noite Maria Werneck. De qualquer maneira, a prova estava por vir, e o primeiro resultado dela não foi de grande sucesso. Ainda tinham muitos estereótipos e não reconhecimento do que os alunos escreviam.

¹³ <https://www.youtube.com/watch?v=AauVal4ODbE>

Figura 4:

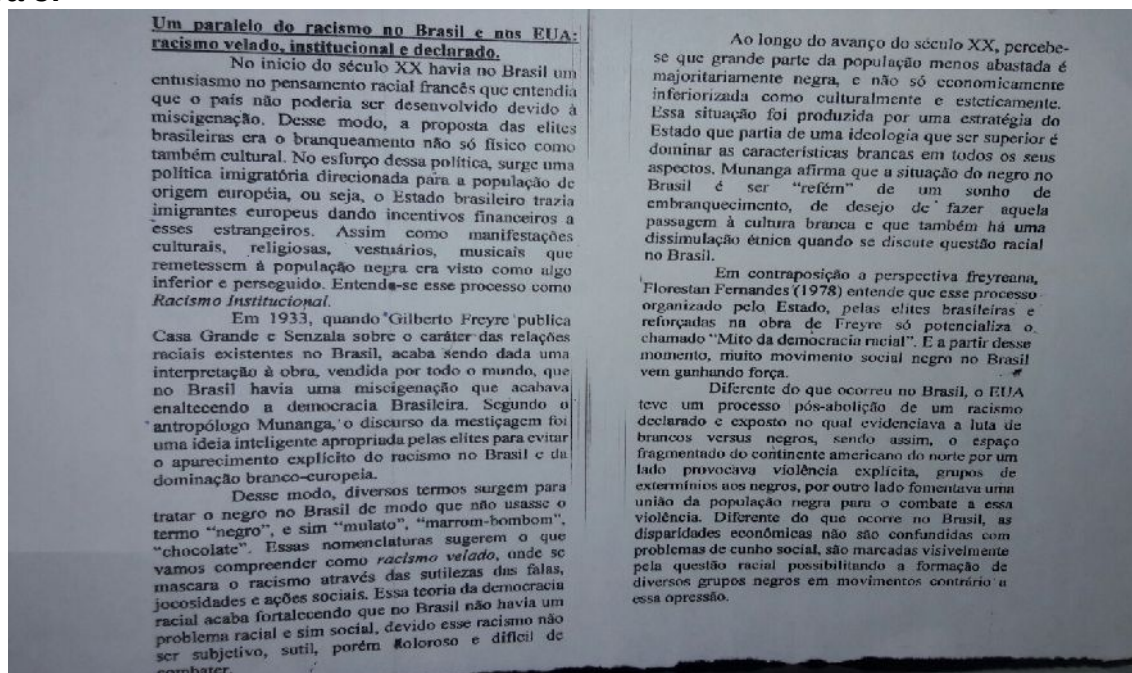
[illegible]

(Prova de sociologia 1º BIMESTRE)

Essa avaliação, devido à questão número dois, a questão “cota racial” apareceu muito no texto dos alunos, e ainda não havíamos discutido em sala de aula, o que mostrou que grande parte ainda traziam o discurso cota racial como um exemplo de racismo. Essa situação mostrou a importância de trabalhar o tema mais à frente.

Então resolvi entregar o resultado das provas junto a um texto que iniciará a discussão Freyre e Fernandes, racismo institucional, velado e posteriormente a discussão pós-abolição Brasil e EUA.

Figura 5:



(Texto trabalhado e discutido em sala)

Essa leitura esteve presente por todo o segundo bimestre, pois íamos e voltávamos nela o tempo todo, não só pela dificuldade de compreensão dos alunos a respeito do texto, como também por as aulas seguintes continuarem a trabalhar as mesmas discussões.

Sendo assim, na outra aula resolvi trazer a música negro drama dos Mc's Racionais, onde primeiramente a ouvimos sem ter a letra em mãos e os alunos expressaram sua opinião sobre a letra, muitos já conheciam, mas não haviam refletido profundamente sobre a mesma, frase deles próprios. Outros associavam Mc's Racionais à 'bandidagem', e fizemos essa discussão, do porquê essa associação. E posteriormente ouvimos a letra de novo, só que distribuí a letra por duplas. Nesse momento fomos trabalhando estrofe a estrofe, e a reflexão foi ficando bem mais profunda e com sentido.

Descrevendo as atividades dessa maneira, aparenta que as aulas corriam igualmente nas turmas, e isso com certeza não ocorria. As turmas 1002, 1005 e 1006 tinham maior interesse e ânimo para as aulas mais musicais, debatidas e etc. As turmas 1001 e 1003 eram mais desanimadas para tal, funcionava melhor com aulas tradicionais, então as vezes em uma turma eu pedia para fazer exercício que colocava no quadro, em outras turmas não passava exercício, pois a administração do tempo e a fluidez dos debates não permitiam.

A turma mais complexa era a 1004 que já tinha sobre ela um pavor construído pela escola. Uma turma de 22 alunos, nos quais 16 eram meninos, desses, uns sete integravam o tráfico de alguma maneira. Eles eram agitados, e muitas vezes subiam para aula entorpecidos de maconha e etc. O início foi bem complicado, me mantinha dando aula para poucos e aquela situação me incomodava. Dessa maneira, parei o conteúdo trabalhado durante uma aula, e comecei a conversar sobre uso de drogas de maneira nada moralista, apenas perguntando a eles como funcionava e se a gente poderia fazer um acordo para aula ser interessante para eles e para o demais. O acordo foi eles usarem suas drogas posterior à aula, pois disse que precisava deles nas aulas até porque eram os que mais sabiam do tema que estávamos debatendo.

Sendo assim, nessa turma a discussão sobre questão racial ficava sempre muito relacionada à violência policial e criminalidade, os meninos começaram a participar em massa. Chegou um ponto que vinham meninos que nem eram da turma, e as vezes nem da escola para poderem assistir a aula, principalmente quando eu avisava que iríamos ouvir ou ver um videoclipe. Do fim de abril para frente, comecei a ter nessa turma uma assiduidade muito boa. Criamos um vínculo, ao ponto de muitos posteriormente a aula virem contar seus dramas pessoais, envolvimento com o tráfico e e/ou com drogas.

A realidade escolar desses alunos não permitia eu trabalhar com o livro escolhido pela escola, na verdade escolha de uma professora do turno da manhã que optou pelo livro didático *Tempos Modernos, tempos de sociologia*. O uso desse material didático era inviável a realidade da noite, grande parte dos alunos vinham direto do trabalho e não podiam trazer muito peso na mochila, além do livro ter uma construção muito complexa e afastada da realidade deles. Com uma organização baseada no filme *Tempos modernos* e muito avaliativa e 'vestibuleira'. Não funcionava. Dessa forma, resolvi levar textos em cópias para sala, escrever a matéria no quadro, e colocar textos extras no grupo virtual que tínhamos.

Posterior a discussão da música *Negro Drama*, busquei entrar na questão pós-abolição e racismo Brasil e EUA. No início do ano quando lhes havia perguntado onde eles achavam ser mais racista, Brasil ou EUA, todos em unanimidade responderam Estados Unidos. À época perguntei o porquê e muitos deles disseram que era mais racista, pois viam nos jornais o tempo todo mostrando os casos que ocorrem no país.

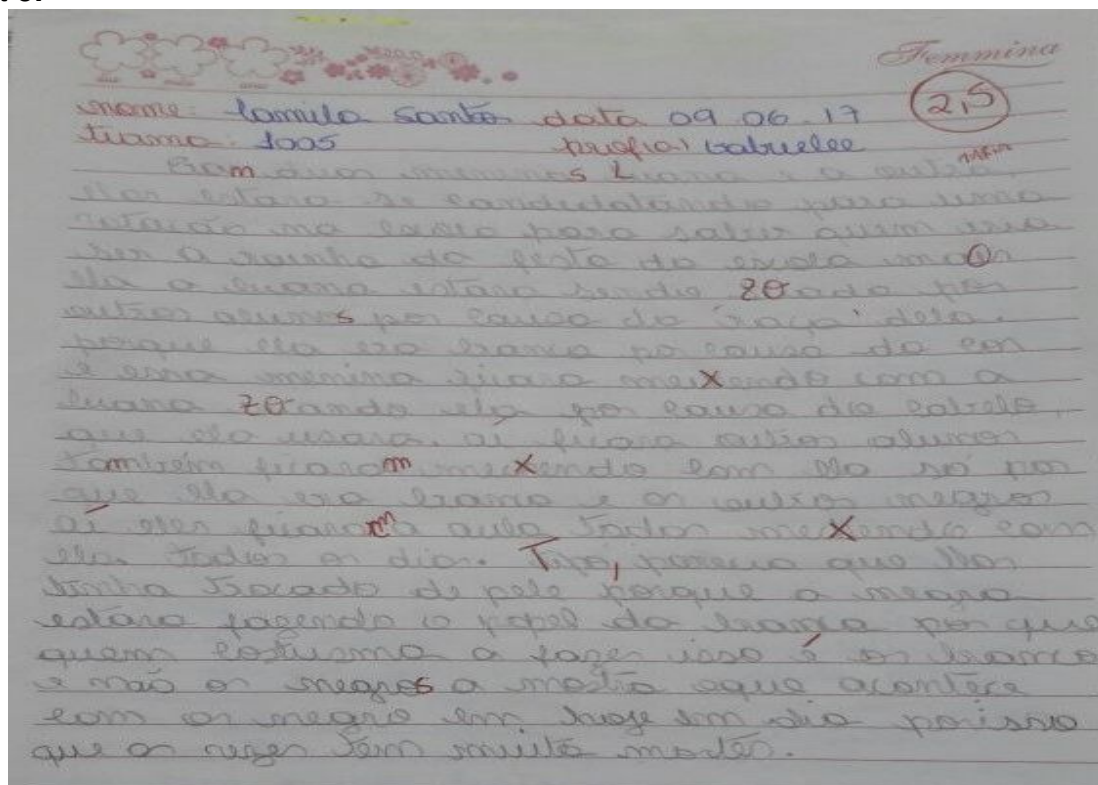
Já era mês de maio, e retornei a essa pergunta nas salas, o que eles achavam do racismo Brasil em comparação ao Estados Unidos e o que me deixou bem surpresa e feliz, foi que quase todos disseram "São formas de racismo diferente, né professora?". A partir disso, comecei a explicar os dois processos a eles apontando que na televisão quantas imagens brasileiras artísticas eles viam e quanto nos EUA, representações política, intelectual, esportista a fim de insinuar a percepção deles sobre o mito da democracia racial no Brasil.

Essa aula e discussão com os alunos me deu a ideia de passar o curta-metragem "Vista minha pele", passei esse filme em sala, e ao seu fim não fiz nenhuma discussão ou explicação apenas pedi que fizessem um texto explicando o filme que seria a avaliação do bimestre e se caso tivesse cópia da internet, que é fácil de identificar quando têm, o trabalho seria zerado. Ou seja, queria o olhar deles, da forma mais primária que fosse, a respeito do que compreenderam do filme.

O filme "Vista minha pele" trata de um olhar invertido, se o Brasil tivesse sido colonizado pelos negros, como seriam os lugares de maior destaque, qual seria o padrão de beleza, e quais seriam as condições socioeconômica dos negros e brancos. Desse modo, não quis explicar nada ao passar o filme para saber se justamente os alunos iriam captar a ideia do vídeo.

Os resultados foram ótimos, os alunos na semana da entrega repetindo frases "Professora, depois que fui fazer em casa que entendi o filme!"; "Demorei horas para entender aquele filme." Todos os alunos escreveram um texto descritivo, exceto um aluno que sempre se colocava na última carteira e bem calado que me pediu para escrever um Rap e prontamente disse que poderia.

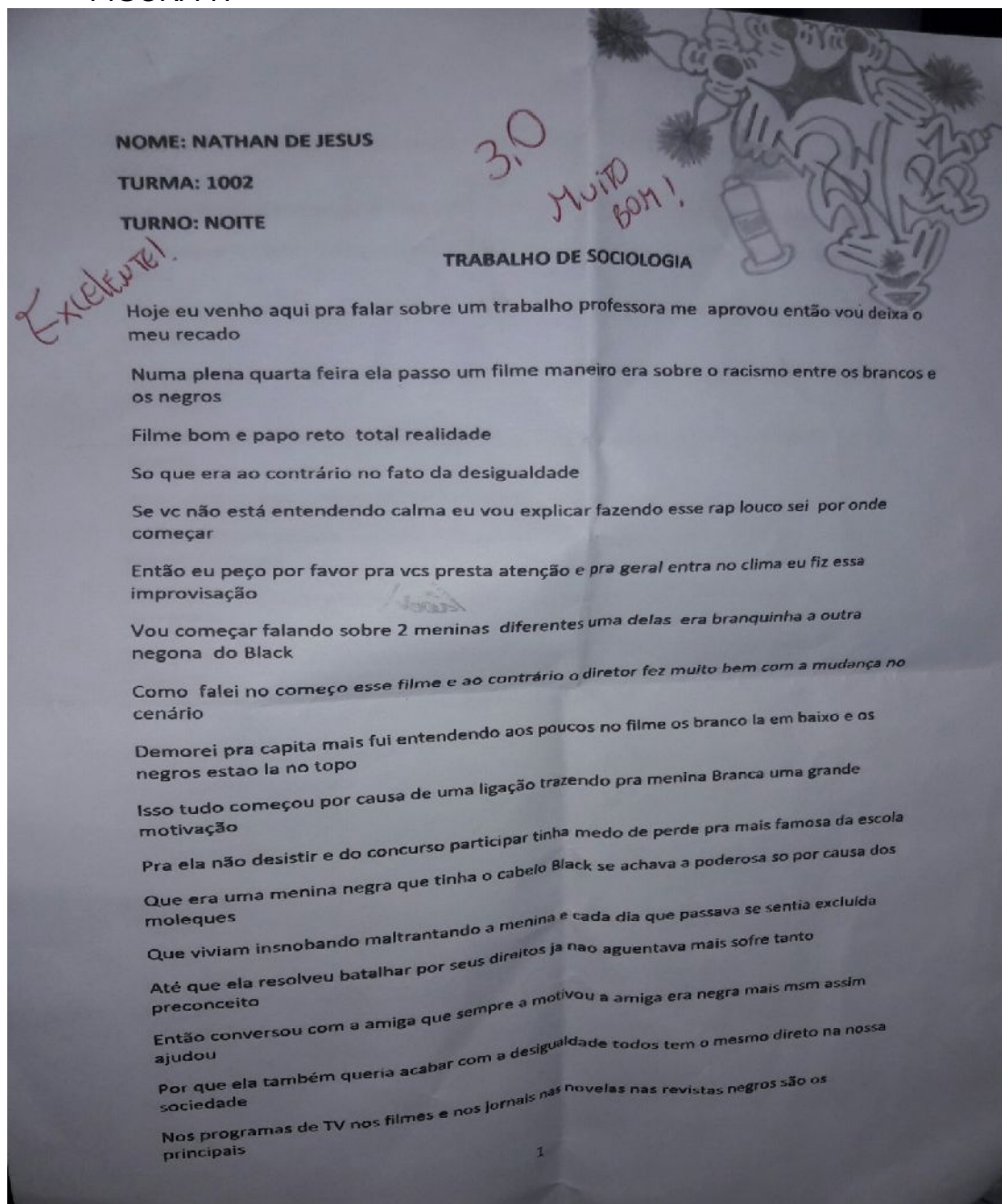
Figura 6:



Texto 1: representa a maioria dos trabalhos entregues

O trabalho acima representa o formato da maioria dos trabalhos/avaliações entregues, salvo que eles progrediram muito em relação aos trabalhos do início do ano que eram repletos de erros ortográficos, e também sem coesão textual. Porém, o trabalho de maior destaque foi do aluno Nathan que surpreendeu com o que foi apresentado. Uma elaboração tão criativa, rica e complexa que me causou dificuldades em saber o que faria com esse material.

FIGURA 7:



Texto 2: letra elaborada pelo aluno sobre o documentário

Então pra mudar essa história resolveu bater de frente encarou a realidade e colocou na sua mente

Que iria conseguir reverte a situação e fazer que os outros alunos mudarem a opinião

No começo foi difícil complicado até de mas mais ela seguiu em frente e mostrou do que é capaz

A amiga sempre falou pra ela nunca desistir você pode até perde mais também pode conseguir

Se torna a miss da festa junina da nossa escola além de vc ser bonita também e super corajosa

Fez cartaz colou nos muros ainda aguentou de tudo zuação mais zuação disaforo de todo mundo

Mais enfim chegou momento de descobrir quem ganhou

A sala toda em silêncio até que a diretora entrou chegou com uma caixa na mão e logo depois começou

A contar todos os votos que estavam na aquela caixa e a cada papelsinho tirado coração acelerava

Até q no final de tudo a mais popular ganhou mesmo assim valeu a pena por que ela realizou

O sonho de ter muitos amigos e tambem de ter os seus votos

E agora com certeza todos estão orgulhosos

JÁ passei isso por aqui e pra mim serviu de exemplo sem neurose esse filme pra mim e mol papo reto bagulho e tenso fica esperto eu ti falo namoral você nunca pode aceita preconceito racial você deque ser Forte sempre segui de cabeça erguida não deixe que ninguém venha atrapalhar a sua vida esse filme me ensino que todos nos somos iguais seja negro ,pardo,branco ou até orientais

A sua classe de vida meu parceiro não importa se todos nos famos Unidos mudaremos tudo em volta

Bato no meu peito e falo sou negro com muito orgulho ja fui muito esculachado por policial corrupto

Mais sem neurose eu digo isso que me motivava pra batalhar todo dia buscando um pouco de paz hoje eu sou oque sou e mostro que sou capaz

Finalizo aqui agora falo com todo respeito gente vamos acabar com essa porra de preconceito !

Texto 2: letra elaborada pelo aluno sobre o documentário

O trabalho do estudante Nathan demonstrou sua alta capacidade de compreensão do conteúdo de modo que conseguir fazer o processo da imaginação sociológica e desenvolver suas habilidades. Posterior a entrega desse trabalho, a mãe do aluno, veio falar comigo pelas redes sociais agradecendo muito pela dedicação que estava tendo ao filho dela, pois ele já estava com 18 anos e havia parado de estudar por um tempo, sem vontade de ir à escola pois não via futuro. Ela veio me procurar dizendo que esse ano ele sempre chegava quarta-feira em casa e ficava escrevendo pelos cantos da casa.

Descobri então que ele começou a escrever letra de rap e aí o apresentei a um amigo que organiza uma batalha de rap em Olaria, bairro próximo. Desde então ele segue indo semanalmente às batalhas e está muito bem na escola, em diversas outras disciplinas também.

Posterior a entrega de trabalho, início de junho, começamos a discussão sobre cota racial. E antes de explica-los sobre o assunto, tive que explicar todo o funcionamento dos exames de inserção à universidade, seja privada ou pública. Grande parte não sabia como isso funcionava. Outra questão interessante é que eles sabiam o que era ENEM, pois referenciavam-se à propaganda na televisão que quem faz é o cantor de pagode Mumuzinho, negro e da periferia do Rio de Janeiro.

Desse modo, percebi que os alunos compreendiam em geral o ENEM pois relacionavam a esse cantor que explicava na TV o que era essa prova. De qualquer forma eles não compreendiam como era a prova, para quê servia de fato, e o porquê eles devem fazer. Eram raros os casos em sala que tinha conhecimento sobre a avaliação. Sendo assim, os expliquei o que era e os perguntei se eles sabiam o que era cota racial.

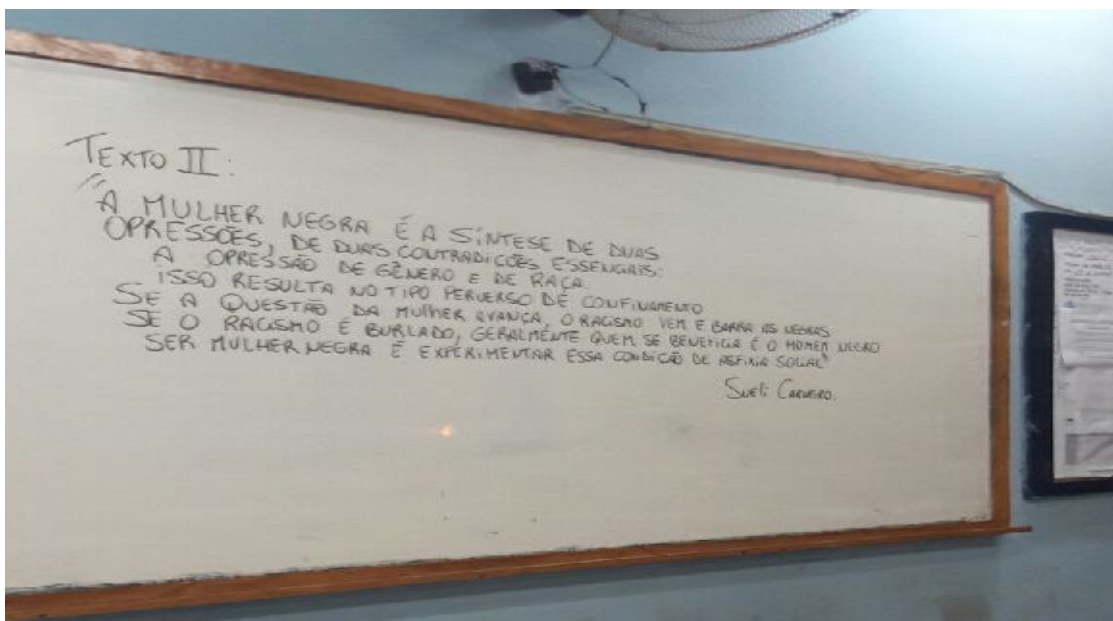
Grande parte não sabia o que era cota, alguns disseram que era uma medida racista para colocar o negro na universidade. E, em uma das turmas, em seguida do aluno falar que era uma medida racista, uma aluna disse: *“não acho que seja racista, ué. Se os brancos sempre tiveram medidas para favorecer, porque não podemos ter algo agora.”*

Essa fala foi crucial para iniciar um debate em sala, ao ponto de causar discussão e no fim da aula pedi para que alguém pudesse resumir aquela aula em uma palavra ou frase, e o mesmo menino que havia iniciado dizendo que cota era uma medida racista, fechou a aula dizendo: *“Resumindo né, quem inventa o jogo, inventa a regra.”* Esse discurso elucidou o trabalho semestral que estávamos fazendo, e ele, com muita perspicácia pôde resumir de maneira tão objetiva e realista.

Na outra aula, entramos com a discussão gênero e questão racial e coloquei ao quadro uma frase para que eles pudessem me explicar:

“A mulher negra é a síntese de duas opressões, de duas contradições essenciais. A opressão de gênero e de raça. Isso resulta no tipo perverso de confinamento. SE a questão da mulher avança, o racismo vem e barra as negras. Se o racismo é burlado, geralmente quem se beneficia é o homem negro. Ser mulher negra é experimentar essa condição de asfixia social” (Sueli Carneiro).

Figura 8:



(Imagem da frase exposta para debate)

Essa aula também causou muito interesse e até muitas falas tristes a respeito da condição da mulher negra. Diversos relatos das meninas inicialmente do que é ser mulher negra na favela, como o corpo delas é visto e que ainda que eles percebiam isso, não conseguiam deixar de pensar assim. Por exemplo, perguntei ali quem tinha mãe e pai presente e tinha turmas que as vezes todos não possuíam a figura do pai. A realidade era que quase todos viviam ou com as mães e irmãos ou avó e irmãos.

Muitas falas dizendo que a mulher negra é para cuidar da casa ou foi feita para o ato sexual. Não havia representatividades direta de mulher negra intelectual, racional e empoderada. Tivemos que começar a fazer uma discussão a respeito do porquê eles e a sociedade pensavam assim e que eles me trouxessem os exemplos de suas mães e avós sobre mulheres negras, fortes e guerreiras.

Então trouxe algumas personalidades para discussão, e aí eles começaram a resgatar quase do “fundo da memória” essas mulheres que não são apenas corpo. E aí trabalhamos uma música “Carta à mãe África” do Rap GOG com a cantora Ellen Oléria e também um manifesto de empoderadas Dandara¹⁴.

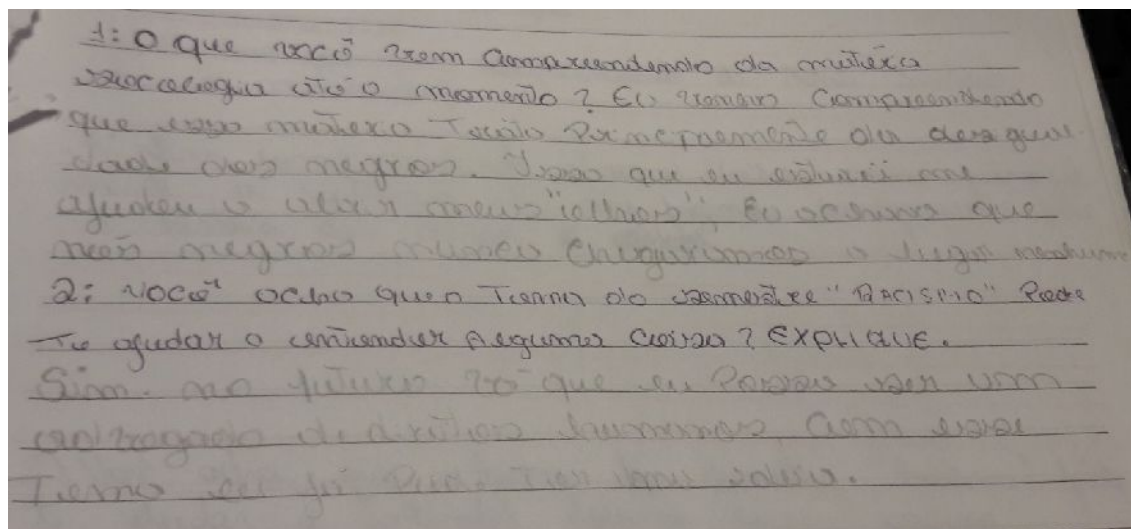
Posterior a música do GOG com a Ellen houve uma aluna que não parava de chorar e como estava ao fim da aula, acabamos encerrando sem fazer nenhuma discussão. Foi uma das aulas mais tensas e sensíveis. Na última aula antes da prova pedi aos alunos para responderem duas questões:

1. O que você vem compreendendo da matéria sociologia até o momento?
2. Você acha que o tema “racismo” do primeiro semestre pôde te ajudar algo sobre a sociedade. Explique.

Obtive várias respostas, e posso considerar que de maneira geral os estudantes compreenderam a intenção do curso e do tema debatido. Segue abaixo algumas falas que representam a maioria das respostas.

¹⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=QyJPap9WSYI>; <https://www.youtube.com/watch?v=dTYo9Pa2TEM>.

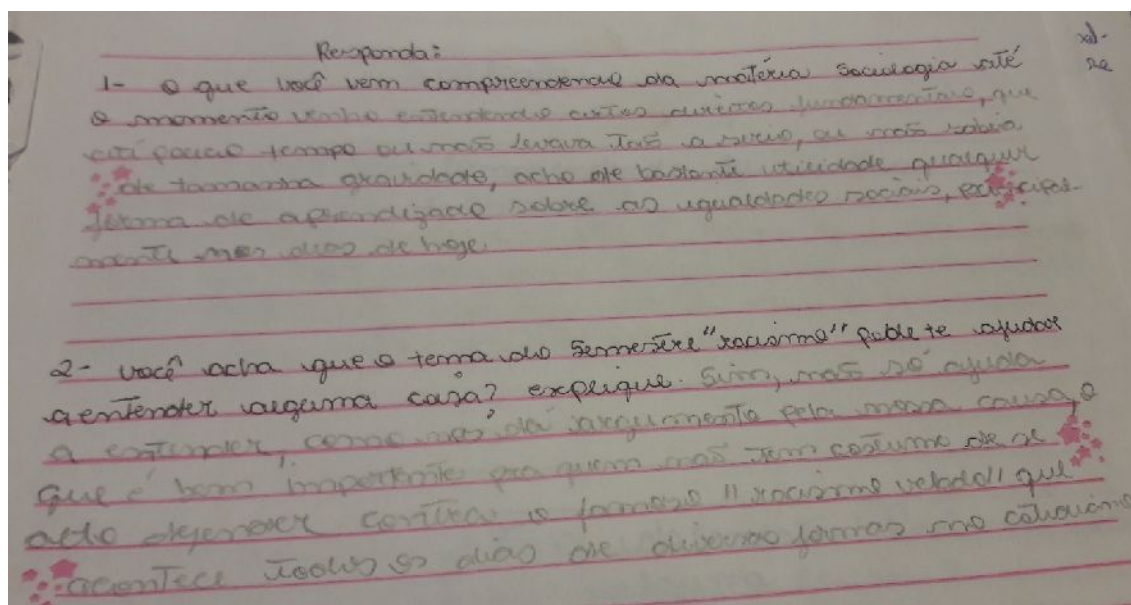
Figura 9:



(Estudante 1)

"1. Eu venho compreendendo que essa matéria trata principalmente da desigualdade dos negros. Isso que eu estudei me ajudou muito a abrir meus "olhos". Eu achava que nós negros nunca chegaríamos a lugar nenhum. / 2. SIM. No futuro vá que eu possa ser uma advogada de direitos humanos, com esse tema eu já posso ter uma ideia."

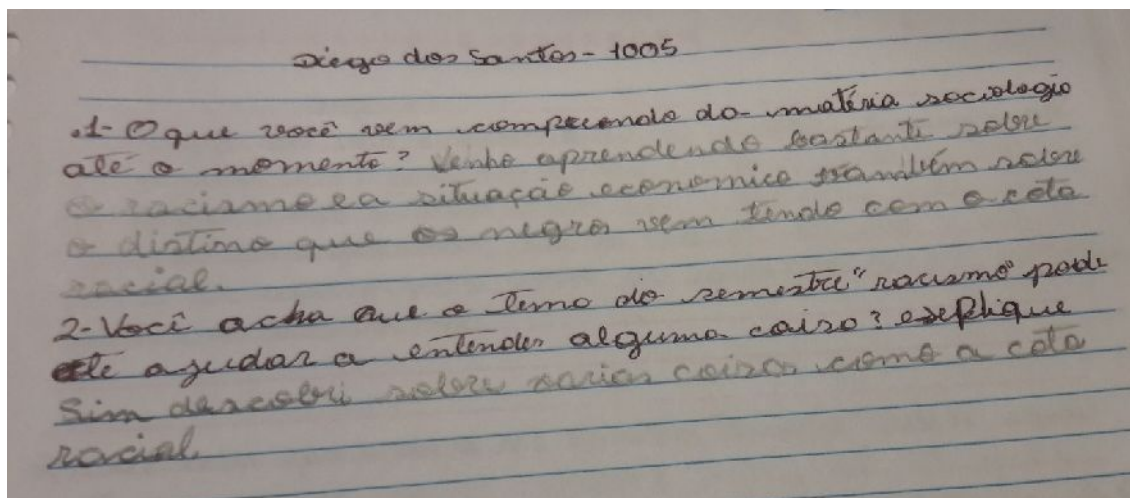
Figura 10:



(Estudante 2)

"1. Venho compreendendo certos direitos fundamentais que até pouco tempo eu não levava tão a sério, ou não sabia de tamanha gravidade, acho de bastante utilidade qualquer forma de aprendizado sobre igualdades sociais, principalmente nos dias de hoje. 2. Sim, não só ajuda a entender, como nos dá argumento pela nossa causa, o que é bem importante pra quem não tem costume de se auto defender contra o famoso "racismo velado" que acontece todos os dias de diversas formas no cotidiano."

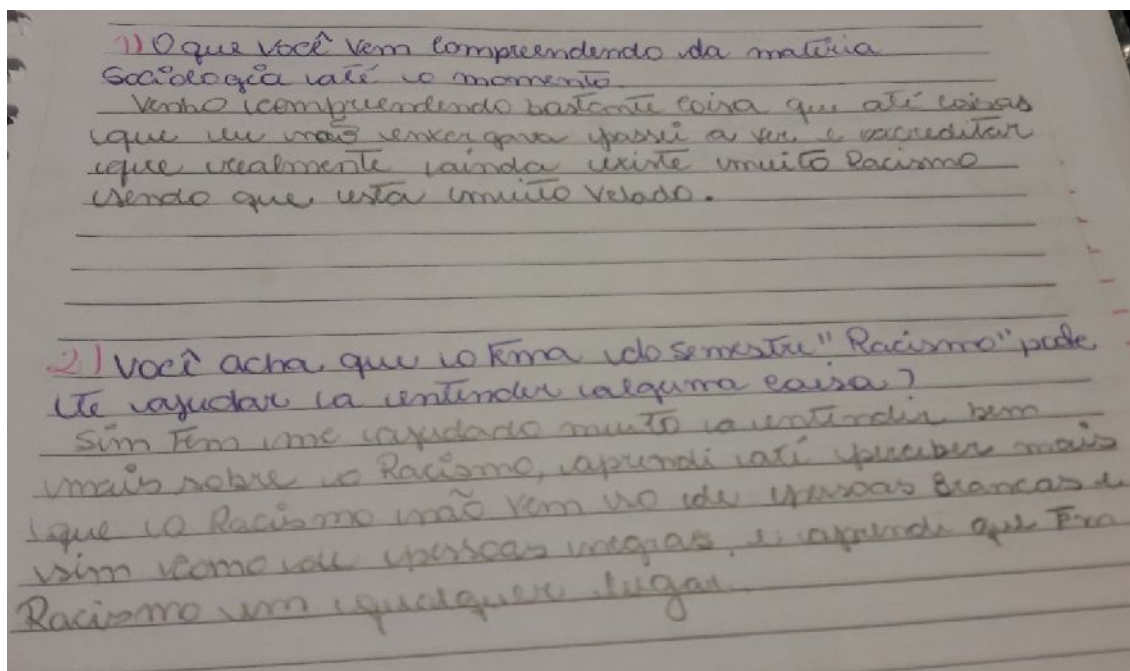
Figura 11:



(Estudante 3)

"1. Venho aprendendo bastante sobre racismo e a situação econômica também, sobre o destino que os negros vem tendo com a cota racial. 2. Sim, descobri como várias coisas como a cota racial."

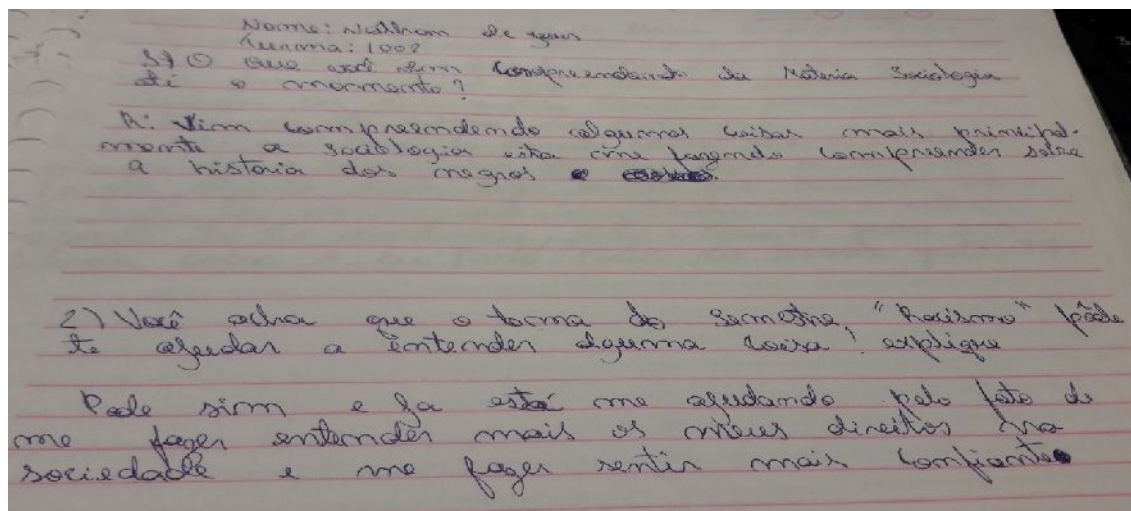
Figura12:



(Estudante 4)

"1. Venho compreendendo bastante coisa. Até coisas que eu não enxergava passei a ver e acreditar que realmente falta muito. Racismo está muito velado. 2. Sim. Tem até me ajudado muito a entender bem mais sobre o racismo, aprendi até perceber mais que o racismo não vem só de pessoas brancas e sim como de pessoas negras, e aprendi que tem racismo em qualquer lugar. "

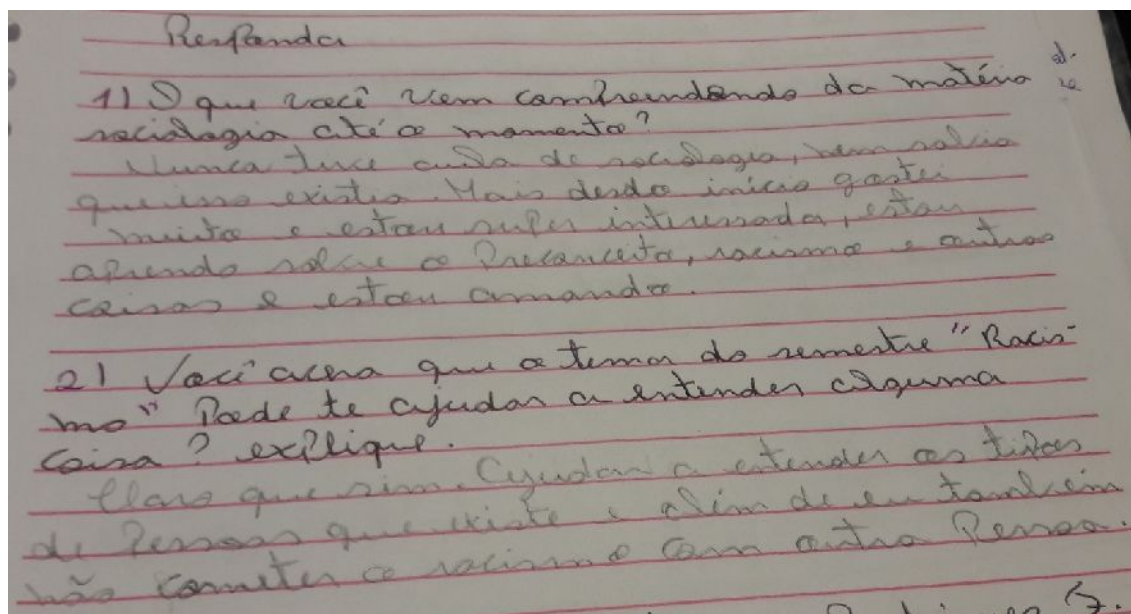
Figura 13:



(Estudante 5)

"1. Vim compreendendo algumas coisas, mas principalmente a sociologia está me fazendo compreender sobre a história dos negros. 2. Pode sim. E Já está me ajudando pelo fato de me fazer entender mais os meus direitos na sociedade e me fazer sentir mais confiante".

Figura 14:



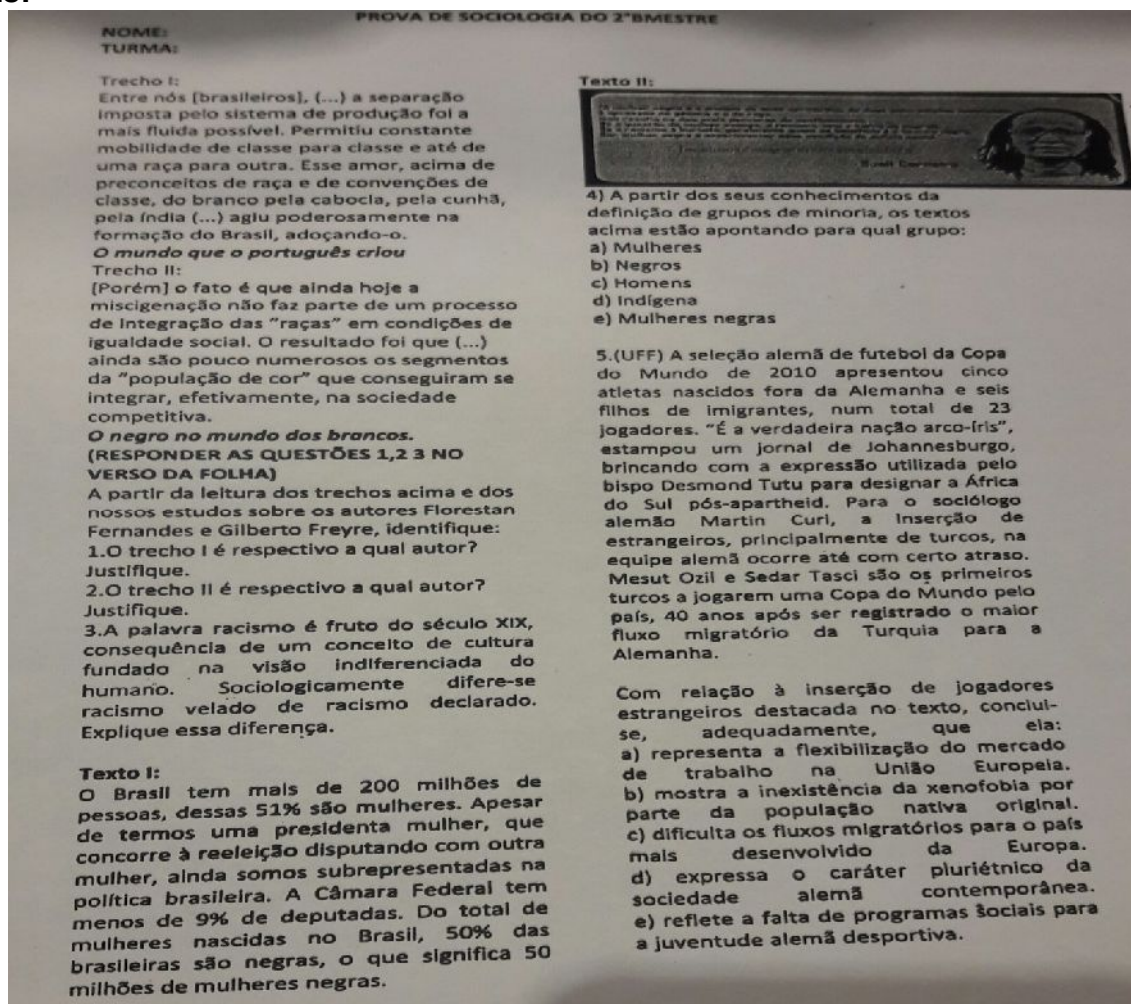
(Estudante 6)

"1. Nunca tive aula de sociologia, nem sabia que isso existia. Mas desde o início gostei muito e estou superinteressada, estou aprendendo sobre o preconceito, racismo e outras coisas. Estou amando. 2. Claro que sim. Ajuda a entender os tipos de pessoas que existe e além de eu também não cometer com outra pessoa."

Interessante perceber nos discursos dos alunos uma perspectiva de mudança a respeito do seu próprio futuro, da importância que o tema teve para sua vida individual e para sua ação coletiva. Foi recorrente falas sobre "cota racial", "futuro", "direitos", "racismo velado". Essas foram palavras que apareciam demasiadamente nos textos dos alunos.

Posterior a essa aula realizamos as provas e os resultados foram bem melhores. Não digo a respeito da organização textual e ortográfica dos alunos, mas o domínio do que estava sendo escrito e a por consequência as notas foram bem melhores.

Figura 15:



(Prova do 2º bimestre)

No próximo tópico darei um panorama geral de todo o semestre, expondo os devidos resultados a respeito do trabalho realizado em sala.

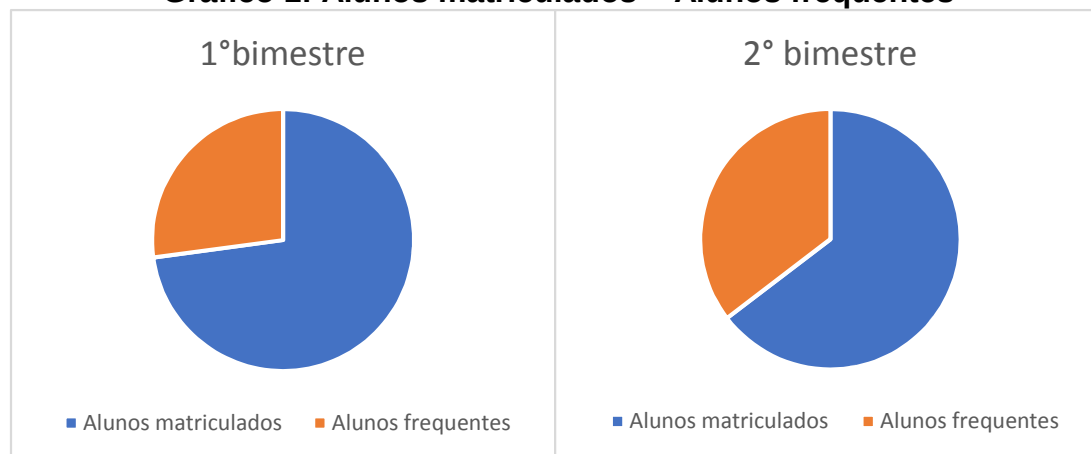
5.2) Uma análise qualitativa do trabalho semestral

Ao final das discussões, revendo as provas e os trabalhos escritos dos alunos foi possível perceber uma mudança no comportamento deles, principalmente no que concerne a projeção de futuro, às preocupações sociais, e até mesmo sobre a própria identificação racial.

O uso do termo "nós" para falar sobre negros começou a aparecer recorrentemente nas falas, nos textos, nas provas. Os estudantes começaram a identificar que estávamos contando a sua própria história, e de maneira bem cautelosa busquei fazer isso. Com diferentes formatos de aula, músicas, debates, busquei diferentes práticas pedagógicas para abarcar o maior número possível de alunos e de suas formas de ser afetado.

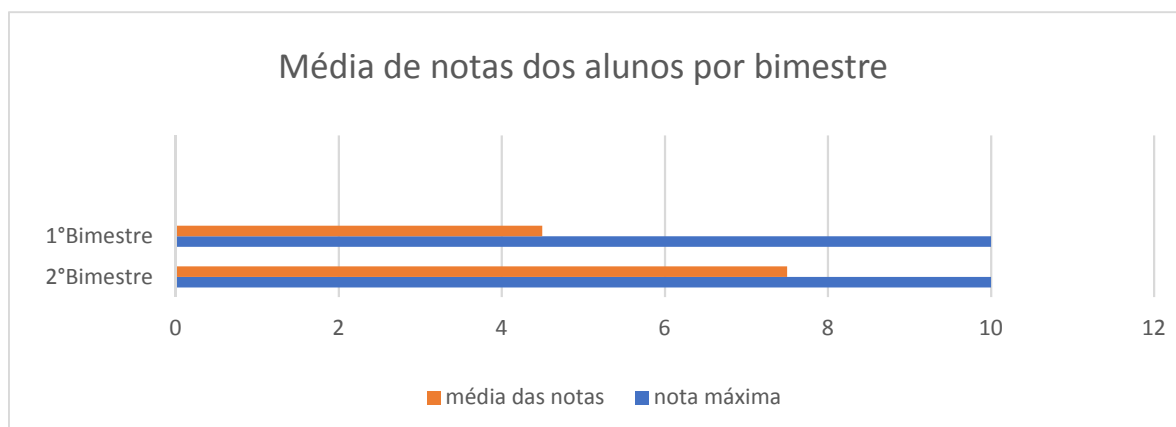
No primeiro bimestre de 121 alunos matriculados, a frequência era de 45 estudantes; já no segundo bimestre de 128 matriculados, a frequência aumentou para 70 alunos.

Gráfico 1: Alunos matriculados × Alunos frequentes



Do mesmo modo que a média de notas dos alunos aumentou. No primeiro bimestre a média era de 4,5 e no segundo bimestre subiu para 7,5.

Gráfico 2: Média de notas dos alunos por bimestre



Anualmente temos no 2º bimestre o aumento da evasão escolar dos alunos, a infrequência deles os faz perderem as vagas, diferentemente, nesse ano obtive um aumento na presença dos alunos. Evidente que não posso considerar que o tipo de aula trabalhado foi o fator do aumento dos alunos nas aulas e na escola como um todo. Porém, a organização de um grêmio do turno da noite apontou que a principal disciplina que os faziam estar na escola era a sociologia. Nesse caso, considero que a disciplina não era o que os fazia gostar de estar na escola, mas o tema debatido os provocou de modo que os fizessem aderir a presença escolar.

Através do que foi exposto acima sobre as discussões, enquete e debate realizados no decorrer do projeto pode-se concluir que os resultados alcançados foram bastante positivos, a interação proporcionada por essa metodologia de aula criou condições aos / as

estudantes de compreender o tema abordado e permitir a busca por conhecimento por meios de suas reflexões sobre a realidade social e racial que vivem.

Além disso, compreendo que a percepção da identidade racial de certa forma foi proporcionada ou ao menos iniciada aos alunos levando os mesmos a uma possível projeção de futuro devido a possibilidade de se ver representados em diversos espaços sociais para além das identidades congeladas que se tinha a respeito da população negra e periférica.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo central desse trabalho consistiu em trabalhar o tema racismo ao longo de todo o semestre e a partir disso buscar desenvolver nos estudantes a identidade racial. Partindo de uma concepção que essa identidade racial seria propulsora para fomentar nesses estudantes um desejo, motivação e construção de sua vida como agente autônomo e crítico.

Como o tema racismo é objeto de estudo sociológico tanto quanto conteúdo a ser trabalhado no ensino de sociologia, a escolha por iniciar com esse tema no primeiro ano regular do ensino médio se deu devido a realidade da comunidade escolar que leciono. Em que os jovens, majoritariamente negros da periferia, não identificavam objetivamente seu lugar social e os entraves raciais que viviam.

Com isso, busquei ao longo de todo semestre diversas práticas pedagógicas que pudessem salientar um despertar crítico dos alunos potencializando sua imaginação sociológica. Respalhando-me em uma concepção de interculturalidade crítica do currículo que enfrente a matriz colonial do poder, ou seja, que articule historicamente a ideia de “raça” como instrumento de classificação e controle, e promova o despertar nesses estudantes para que compreendam e desconstruam essa estrutura e imaginário social.

De fato, seria muita presunção considerar que uma disciplina em apenas um semestre pudesse desconstruir todo um presente e passado ancorado nessa estrutura de poder, porém o objetivo foi poder provocar os estudantes a fim de despertá-los a respeito das condições que vivem e das possibilidades de transgredirem o lugar social que essas estruturas os querem e desejam.

Sendo assim, a ferramenta metodológica do afetamento, ou seja, de trabalhar os afetos não representados dos alunos, foi uma estratégia de sensibilizar os alunos a ingressarem nessa luta junto a mim. Considerando e ressaltando a eles que só é possível uma sala de aula interessante e interessada se houver uma contribuição coletiva e participativa dos integrantes, cada um dentro de seus limites e potências.

Portanto, os trabalhos, falas, resultados avaliativos que obtivemos mostraram de certo modo que é possível o engajamento do alunado, mesmo em uma estrutura tão condensada, e que se pudesse haver uma participação coletiva dos docentes e gestão, talvez o trabalho pudesse ser mais efetivo e mais consolidado. Diante tantos problemas econômicos, sociais, políticos que o Estado do Rio de Janeiro vem passando, a experiência que tivemos esse ano foi no mínimo um ato político de resistência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARAÚJO. Vista minha pele. <https://www.youtube.com/watch?v=LWBodKwuHCM>

BRASIL. Lei Federal 10. 639/2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

EMICIDA. Boa esperança. <https://www.youtube.com/watch?v=AauVal4ODbE>

EMPODERADAS DANDARA. <https://www.youtube.com/watch?v=dTYo9Pa2TEM>

FAVRET-SAADA, J. Ser afetado (tradução de Paula de Siqueira Lopes). *Cadernos de Campo*, n. 13, p. 155-161, 2005.

GOG. Carta à mãe África. <https://www.youtube.com/watch?v=QyJPAp9WSYI>

LIMA, Rogerio Mendes. EDUCAÇÃO INTERCULTURAL E CURRÍCULOS NA ESCOLA BÁSICA: A CONTRIBUIÇÃO DA SOCIOLOGIA PARA O COMBATE AO RACISMO. *Revista Perspectiva Sociológica*, Número Especial, 2º sem. 2012/1º sem. 2016.

Mc's Racionais. Negro drama. https://www.youtube.com/watch?v=Rx_IEGVVqEk

MILLS, C. W. *A imaginação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1972

MUNANGA. Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In BRANDÃO, A. (org.). Programa de Educação sobre o negro na sociedade brasileira. Editora da UFF, Niterói, 2004

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem Sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. *Tempo Social, revista de sociologia da USP*, v. 19, n. 1. 2007.

QUIJANO, Anibal. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas in Colonialismo; Modernidad; Capitalismo; Poder Politico; Sociedad; Historia; Eurocentrismo; America Latina; Clasco. 2005.

WALSH, Catherine. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, reexistir e re-viver. In CANDAU (org.). Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas. Editora 7 letras, Rio de Janeiro, 2009.

WEBER, Max. A objetividade do conhecimento nas ciências sociais. In: COHN, Gabriel (Org.). FERNANDES, Florestan (Coord.). **Weber** – Sociologia. Coleção Grandes Cientistas Sociais, 13. São Paulo: Ática, 1999, p. 79-127.